

Reflexões sobre Imagem e Cultura

1 2

GIGANTE AMARAL E SEUS AMIGOS

Rod Tigre
Gabriel Rocha

A PRIMEIRA COLEÇÃO DE ACTION FIGURES EXCLUSIVA DO BRASIL

Provavelmente, a coleção do Gigante Amaral e seus amigos configura a primeira coleção de “action figures” produzida no Brasil, para as cestas de Natal da Empresa de Alimentos Seleccionados Amaral!

No século XVII, no Império Britânico, os empregados da aristocracia ficavam para ajudar na festa de Natal dos patrões e apenas no dia seguinte era concedida folga para visitarem as famílias. Como agradecimento, os patrões entregavam caixas de comida e presentes.

Desde essa época, no dia 26 de dezembro, é celebrado o “Boxing Day” nos países de origem inglesa, como Inglaterra, Escócia, Irlanda, Austrália, Nova Zelândia, Canadá e alguns estados norte-americanos, sendo feriado em muitos destes.

O costume se espalhou pelo mundo, assumindo formas e sabores distintos em diferentes culturas. A partir da década de 1950, chega ao Brasil. Algumas marcas disputavam o mercado: Amaral, Columbus, Titanus etc. A Cesta de Natal Amaral era a campeã de vendas. Nela vinha um brinde disputadíssimo pelas crianças: o boneco de plástico chamado Gigante Amaral. Ele segurava, numa das mãos, uma casinha e, na outra, um carro, que eram alguns dos bens sorteados entre os compradores. Tinha uma outra versão em que ele ficava com os braços cruzados. Iniciando a distribuição do brinde, suas cestas de Natal se tornaram uma febre e eram praticamente exigidas pelas crianças!



O produto era uma espécie de “Baú da Felicidade” das festas de Natal e surgiu no bairro da Mooca, em São Paulo, no ano de 1953. Os clientes pagavam um carnê (chamado “carnê da fortuna”) ao longo do ano e recebiam a Cesta de Natal no final do ano em casa, e havia sorteios mensais de casas, carros, eletrodomésticos e até imóveis. A partir de 1958, começaram a ser veiculados os primeiros comerciais da Cesta na TV com o mascote do produto, o boneco Gigante Amaral, que virou até programa de televisão pela TV Tupi de São Paulo. Mas o personagem só aparecia mesmo no título: **As Aventuras do Gigante Amaral** e não tinha nenhuma participação no programa, que exibia desenhos e seriados. Ele era muito parecido com o Shazzan, do desenho animado criado por Alex Toth para a empresa Hanna-Barbera, só que o Gigante Amaral é de 1958 e o Shazzan de 1967! Por motivos desconhecidos, foi o mesmo ano que Rui Amaral resolveu encerrar as atividades da empresa.

As cestas eram feitas de vime e vinham cheias de tiras de papel (às vezes, celofane colorido) ou de madeira, para proteção do conteúdo. Costumavam ter nozes, doces, chocolates, frutas cristalizadas, latarias, champagnes, vinhos, bolachas, compotas, brinquedos, disquinhos, brindes etc.

Logo, o Gigante Amaral ganhou uma turma: O Homem no Espaço, o jogador Pelé com a camisa da seleção brasileira de futebol, e a boneca Emília do Monteiro Lobato em seu segundo universo compartilhado (ela também era citada nas HQs do herói Teleco, primeiro personagem do Ziraldo publicado na revista **Sesinho**, em 1949, que ganhava superpoderes dando teco no pó de pirlimpimpim da Emília).



O Homem no Espaço era um boneco inspirado em outra atração da TV Tupi, que surgiu em 1957. Um programa ousado: ficção científica para crianças, **Lever no Espaço**, com visual parecido com o Buck Rogers, escrito e produzido por Mário Fanucchi, com coordenação geral de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (Boni) e direção geral de Cassiano Gabus Mendes. Ia ao ar aos sábados às 20h30. A história era contada através de cenas ao vivo no estúdio intercaladas com outras filmadas em 16mm, com maquetes e desenhos. O elenco contava com Lima Duarte, Marly Bueno, Henrique Martins, Percy Aires, Rogério Márcio, Turbíbio Ruiz, Mario Sergio e outros atores. A trama era sobre a chegada de um disco voador com os verunianos, seres alienígenas vindos do planeta Verúnia, dizimado por guerras nucleares, que trariam informações sobre a catástrofe que aconteceria quando a Terra fosse atingida pela cauda de um cometa.



ÁSPER, a bordo de um disco-voador, sabe o que se passa na Terra.

Para salvar o planeta era importante deslocar seu eixo de rotação e, com isso, tirá-lo da rota do cometa. Um foguete lançado de Fernando de Noronha produziria o encontro entre cientistas e verunianos. No encontro, os cientistas aprenderiam como salvar a Terra enquanto um grupo de vilões tenta desestabilizar a relação entre os verunianos e os terráqueos.

O programa era puro entretenimento, mas havia uma certa preocupação com as informações científicas veiculadas. Essa foi a primeira série de ficção científica da televisão brasileira. Com o patrocínio das empresas Lever, o programa tinha episódios com 30 minutos de duração e ficou no ar

por curtos seis meses, com um total de 23 episódios. Uma curiosidade a respeito dessa série é que a jovem Beatriz Segall interpretava uma heroína alienígena que utilizava uma roupa prateada e uma grande peruca branca.

Além do boneco, a série inspirou o gibi **Homem no Espaço**, da editora Cruzeiro, que trazia HQs de Adam Strange (DC Comics). Apesar de serem relativamente fáceis de serem encontrados à venda em leilões e sites de venda na internet, a coleção de bonecos do Gigante Amaral costuma ser cara, e cada boneco é oferecido por preços acima de 500 reais.

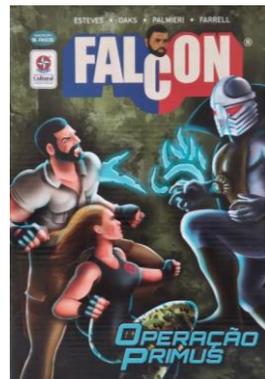
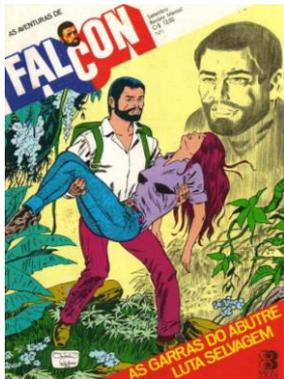
As cestas de Natal Titanus criaram um gibi que teve duas edições em 1960, distribuídas nas cestas, e trazia o herói Titan (que lembrava o He-Man, mas surgido 20 anos antes) contra o vilão Gênio do Mal, uma versão maléfica do concorrente Gigante Amaral! Foi a única aparição “não oficial” do Gigante Amaral nos quadrinhos, mas ele também aparecia em anúncios em jornais e revistas com arte de Messias de Mello, o mais famoso desenhista do tablóide **A Gazetinha** durante as décadas de 1930 e 40.



O Brasil marcou presença em algumas das maiores franquias de brinquedos do mundo. Em 1980, a fabricante de brinquedos Estrela teve um grande insight criativo com o lançamento de Torak, um vilão para o Falcon. A Hasbro nunca havia criado um vilão para os seus G.I. Joe. Para acompanhar, em 1981 veio o ciborgue Condor, um auxiliar do Falcon no combate ao terrível Torak.



Em 1977, surge a primeira revista em quadrinhos de Falcon no Brasil, com roteiro de Teresa Saidenberg e desenhos de Antonino Homobono Baliero, publicada pela editora Três. Dois meses depois, a editora lança uma revista, **Comandos em Ação – Falcon**, em formatinho. A revista teve quatro edições com roteiros de Maria Duque Estrada e Walter Negrão e desenhos de Baliero e Michio Yamashita. Além da série original G.I. Joe, da Marvel, que foi publicada pelas editoras RGE/Globo (12 números em 1987/88) e Abril (10 números em 1993), existiu um mini gibi da década de 1990, distribuído de brinde de aniversário, produzido por artistas brasileiros. Em 1984, a Abril distribuiu, junto com suas revistas de linha, uma edição de 4 páginas de Comandos em Ação com HQ de 2 páginas de Carlos Edgard Herrero.



Em 2019, surgiu o gibi **Operação Primus**, editado pelo selo Estrela Cultural. A edição traz uma história em 64 páginas com uma origem para o Torak, com argumento de Daniel Esteves, roteirização de Larissa Palmieri e Tiago Oaks, e arte no traço de Marcos Farrel.

Nos EUA, o G.I. Joe dos anos 1960 (Falcon), medindo suas 15 polegadas, foi produzido despersonalizado e sem história de fundo. Um soldado genérico. Já o G.I. Joe dos anos 1980 (Comandos em Ação), agora vinha numa versão com 5 polegadas, possuía um conjunto de identidades próprias e um contexto estabelecido. Cada personagem trazia uma ficha na parte de trás da cartela com especificações de suas personalidades e características únicas. Foi a segunda versão da franquia que chegou ao cinema. Obteve uma série cultuada nos quadrinhos da Marvel, e permanece em produção até hoje, seja como quadrinhos, brinquedo ou desenho animado.

O mais celebrado boneco de grandes franquias criado no Brasil foi outro vilão G.I. Joe, na reformulada versão chamada de Comandos em Ação. Lançado em 1986, o Cobra de Aço se destaca em meio a outros lançamentos exclusivos da Estrela, como Cobra Invasor (com a cobra estampada no peito), Marujo e Forasteiro – que se diferenciavam apenas pela pintura distinta.

Em 2021, a Estrela ganhou o processo pela logomarca Falcon, que atualmente é considerada uma marca nacional. A marca Comandos em Ação também se tornou propriedade da Estrela.

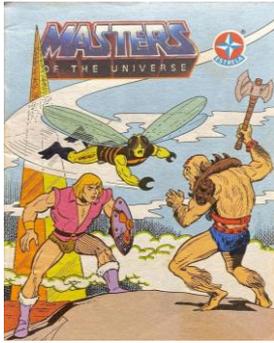
A empresa Mattel lançou sua linha de brinquedos Masters of the Universe em 1982. O sucesso concatenava a venda de brinquedos com uma série televisiva e o lançamento de quadrinhos pela DC Comics. No Brasil, a planificação da economia por meio dos PNDs acabou por resultar em uma inflação, que explodiu justamente em 1982. Nesse cenário, mesmo com o sucesso televisivo do desenho desde 1984, exibido no show da TV chamado **Balão Mágico**, a fabricante Estrela só iniciou a produção local dos brinquedos em 1988.



Porém, a carioca Model Trem iniciou uma linha de brinquedos de Masters of the Universe desde o início do sucesso do desenho na TV. Assim, surge o Príncipe Izor, um bootleg da Model Trem que só existiu no Brasil. Menosprezado por colecionadores brasileiros, o frágil brinquedo feito em resina não sobreviveu em grandes quantidades até os dias atuais e é muito cobiçado por colecionadores estrangeiros.

Quando os bonecos de He-Man começaram a ser produzidos pela Estrela, vinham junto com um mini gibi. Enquanto os mini gibis originais eram produzidos pelos artistas gringos conhecidos (recentemente foram reunidos em uma edição *omnibus* com mais de 1000 páginas), os mini gibis brasileiros eram produzidos por artistas locais, assim como os de sua irmã, She-Ra. Ambos tiveram gibis publicados pela editora Abril. A coleção do He-Man iniciou publicando HQs francesas e depois da Marvel, mas no final teve HQs produzidas por artistas nacionais consagrados, incluindo roteiros de Gedeone Malagola e José Menezes e arte de Watson Portela e Rodolfo Zalla, durando 32 edições. Os artistas

brasileiros criaram vários personagens exclusivos. Essa série nacional foi traduzida em inglês e distribuída na internet, fazendo sucesso entre fãs do He-Man mundo afora. Já o gibi da She-Ra era totalmente produzido no Brasil e durou 12 edições.



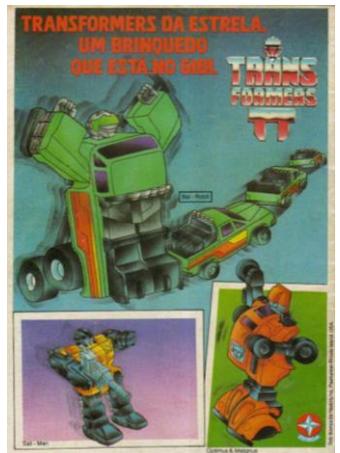
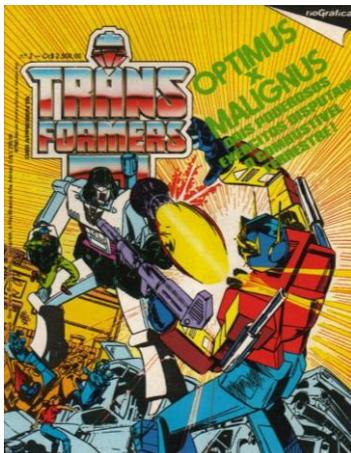
A Estrela também protagonizou versões raras dos Transformers no Brasil, iniciando a produção em 1985. Porém, os mais interessantes são as facções Optimus e Malignus, criadas apenas no ano seguinte. As mudanças continuaram a surgir nas linhas Jumpstarters, que no Brasil foram renomeados para Salt-man, e os Eletrix e os Bat-Robôs, que só existiam como parte da franquia por aqui.



OPTIMUS

VS

MALIGNUS



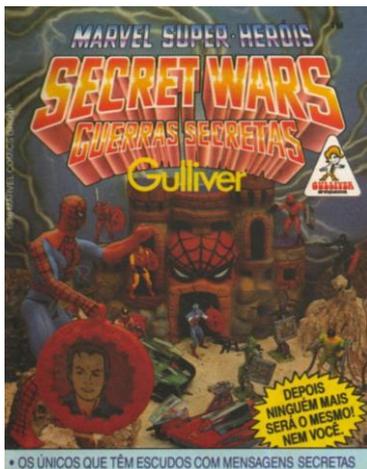
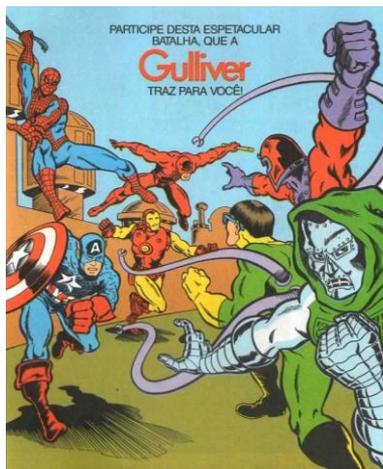
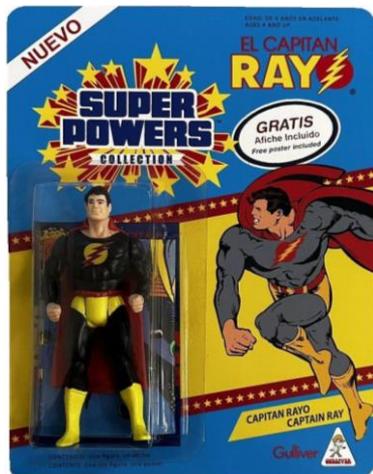
O G.I. Joe Falcon é o mais celebrado no Brasil, onde, como vimos, ganhou alguns aliados e o adversário Torak. A fabricante brasileira Estrela acertou ao estabelecer um contexto ao antes soldado genérico Falcon. Repetiu o êxito com o celebrado Cobra de Aço e também com as facções de robôs Malignus e Optimus. Todos dotados de individualidade e especificidades. No entanto, a Estrela nunca foi capaz de apresentar sua própria linha de brinquedos com identidade e circunstâncias únicas. A Estrela sempre dependeu das circunstâncias do licenciamento das franquias estrangeiras para determinar os limites de sua postura criativa.

As outras fabricantes brasileiras permaneceram em um degrau mais baixo que a líder do segmento. A série S.O.S. Comandos, da fabricante Gulliver, é uma grata exceção. A linha de soldados de 5 polegadas, que entrou de assalto no mercado, chegou a lançar um mini gibi capaz de estabelecer um cenário ou uma individualização de caráter para alguns personagens. Infelizmente, a iniciativa não foi muito adiante, mas a linha de bonecos existe até hoje e são itens de colecionadores.



A Gulliver falhou neste sentido com seu hoje cobijado Future Warriors. Vale comentar que tanto a original Secret Wars quanto a concorrente linha da Super Powers (1987) da Estrela contavam com uma mini revista em quadrinhos ou com a ficha técnica do personagem.

Curiosamente, enquanto a coleção de bonecos Super Powers era produzida no Brasil pela Estrela, na Colômbia ela foi distribuída pela Gulliver, que criou por lá um personagem original chamado El Capitan Rayo (Captain Ray).



Esses exemplos não encerram a grande quantidade de bonecos e coleções que surgiram no Brasil, mas nos transmitem uma verdadeira noção do valor que as coleções possuem.

Assim, a atenção para os bonecos antigos produzidos no Brasil em décadas anteriores e fora do sistema de licenciamento com origem estrangeira e que foram sucesso entre as crianças chama a atenção pela inegável personalização das coleções. O Gigante Amarelo é algo muito específico. Um produto promocional que estava massificado por rádio e impressos. Boneca Emília e o rei Pelé dispensam comentários devido à intrínseca popularidade dos dois. Já o Homem no Espaço, um sucesso na TV da época. Por fim, o Titan tinha seu próprio gibi.

Festejamos o marco estabelecido pelo Gigante Amarelo. Não é impossível concluir pela importância da contextualização para o sucesso das coleções e lamentar sua sentida ausência em tempos mais recentes.